

IDEÓLOGOS BRASILEIROS NA *FOLHA DE S. PAULO*: ANÁLISES QUANTITATIVA E QUALITATIVA DE TEXTOS PUBLICADOS NO JORNAL DURANTE O ANO DE 2008

Tássia Valente Viana Arouche Patrício¹

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo fazer análises quantitativa e qualitativa dos textos publicados na *Folha de S. Paulo* em 2008 em que foram citados os ideólogos Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Aborda o jornalismo como campo social mediador de outros campos sociais. Trabalha a teoria da conotação e os mitos, a partir de Roland Barthes, para falar sobre a ideologia no discurso jornalístico. Faz um levantamento de textos publicados e utiliza o método comparativo para analisá-los. Conclui comentando a permanência dos três autores na mídia impressa brasileira, mais precisamente na *Folha de S. Paulo*.

Palavras-chave: Jornalismo. *Folha de S. Paulo*. Ideólogos brasileiros.

Abstract: This research goal is to make a quantitative and qualitative analysis of the texts published at the *Folha de S. Paulo* newspaper where were some mention to the ideologists Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda and Gilberto Freyre. It approaches the journalism as a social field mediator to other social fields. It deals with the connotation theory and the myths, based on Roland Barthes, to talk about ideology in journalistic discourse. It makes a survey of published texts and uses the comparative method to analyze it. It concludes with commentaries about the three authors permanence at the brazilian press, more precisely at the *Folha de S. Paulo* newspaper.

Keywords: Journalism. *Folha de S. Paulo*. Brazilian ideologists.

Introdução

¹ Aluna do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e jornalista da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: tassia.arouche@gmail.com.

Em prefácio ao livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido enumera, em 1967, os três livros chaves que fizeram a sua geração aprender “a refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo em termos de passado” (CANDIDO, 1995, p. 9). Os três livros são *Casagrande e senzala*, de Gilberto Freyre, o próprio *Raízes do Brasil* e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Jr. As obras datam, respectivamente, de 1933, 1936 e 1942.

Quase 70 anos depois que o último livro desta tríade foi lançado, as três obras continuam sendo referência não apenas para estudiosos e pesquisadores das áreas de História e Antropologia. Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. são considerados os autores responsáveis pelas interpretações fundamentais sobre a sociedade brasileira, tendo suas ideias ultrapassado os limites da academia e contribuído para a formação de uma predominante visão sobre o Brasil, ainda hoje corrente.

Desta forma, justifica-se a escolha dos três autores, dentre outros possíveis de serem estudados, como objeto deste trabalho, que pretende analisar qualitativa e quantitativamente os textos publicados na *Folha de S. Paulo* durante o ano de 2008 em que foram citados ideólogos brasileiros. As principais questões aqui são: qual a permanência na mídia brasileira hoje destes pensadores, que formularam suas análises no século passado? E como a imprensa transmite para seu público as ideias de teóricos que quiseram compreender o Brasil?

O jornal *Folha de S. Paulo* foi o veículo escolhido porque, além de circular por todo o país e ter uma considerável tiragem, o acesso a suas edições é mais fácil, já que todas elas estão disponíveis na internet. Quanto ao ano de 2008, este foi adotado porque a coleta das informações foi realizada em 2009, com o objetivo de realizar uma análise de como a publicação em tela considera como relevante, ou não, a produção dos três autores citados, para a compreensão do Brasil na atualidade.

Um dos pressupostos teóricos desta pesquisa é o conceito de campo social de Pierre Bourdieu e a concepção de que o jornalismo, sendo um campo (ou instituição) social, é um mediador. Ou seja, o jornalismo faz parte de um campo responsável pela mediação entre os diversos campos sociais e a sociedade. Assim, o papel da mídia é “traduzir” aquilo que é pensado no meio científico, no meio jurídico, no meio político etc., contribuindo para a formação da opinião pública e para a sedimentação de conceitos e ideais. De estereótipos e preconceitos também.

Neste sentido, analisar como o jornalismo se apropria, ainda hoje, dos conceitos introduzidos pelos pesquisadores que tiveram como objetivo maior compreender o país e entender o povo brasileiro é importante para observar como a imprensa, utilizando-se destes conceitos, contribui para a formação de uma ideia sobre o Brasil, repassando e repetindo-os a seus leitores, que, por sua vez, os assimilam em algum nível.

Outro ponto de partida teórico deste trabalho diz respeito ao discurso jornalístico. É com a teoria da conotação, elaborada por Hjelmslev e desenvolvida por Roland Barthes, que se pode aqui falar que os conteúdos veiculados nos jornais estão impregnados de ideologia e, ao contrário do que a mídia parece querer fazer com que seus leitores acreditem, estes conteúdos não são “naturais”.

Assim, o que o jornalismo veicula não é um relato objetivo sobre um fato, mas um discurso sobre determinado acontecimento. Isto deve ser levado em consideração porque é através deste discurso carregado de ideologia(s) que os jornais contribuem para a formação da opinião pública.

Quanto aos procedimentos metodológicos, além da pesquisa bibliográfica, foi realizada também uma pesquisa documental, referente ao levantamento de dados em edições do jornal *Folha de S. Paulo*. Como método de análise dos dados colhidos, utilizou-se o método comparativo.

Foram selecionados para a análise os textos que citassem, no mínimo, um dos autores estudados. A coleta foi feita utilizando-se a ferramenta de busca do site da edição impressa da *Folha de S. Paulo*, sendo que todos os textos encontrados pelo sistema foram cuidadosamente lidos antes do levantamento quantitativo para que não entrasse nenhum homônimo ou para que outro erro não interferisse no resultado do trabalho.

1 Jornalismo e os campos sociais

Como já foi dito, o jornalismo é um mediador dos campos sociais. Mas, antes de tratar especificamente desta questão, é essencial trabalhar com os conceitos de jornalismo e de campo social.

Este trabalho leva em consideração o jornalismo como prática cultural, como instituição social legitimada, mas também leva em consideração o fazer jornalístico. Assim, a produção da notícia tem a base no fato (dimensão axiomática), mas, como o jornalista não consegue abarcá-lo inteiramente e como a produção da notícia possui dimensões outras que envolvem aspectos econômicos, políticos etc., não é o fato puro e simples que é noticiado, e sim o resultado de um complexo jogo de interesses de vários segmentos/sujeitos que procuram reelaborar a realidade. Esta reelaboração é possível à medida que “as notícias registram a realidade social e são simultaneamente um produto dessa mesma realidade” (TUCHMAN, 2002, p. 96).

Ainda a respeito do jornalismo, Sérgio Gadini (1999) dá a seguinte contribuição:

O discurso periodístico institui uma forma singular de conhecimento humano, cotidianamente produzido e veiculado no espaço social, a partir de acontecimentos, falas, depoimentos, acidentes (no sentido mais fenomenológico e não “trágico” do termo), registros históricos, expressões e movimentos, ações públicas ou individuais de interesse coletivo, dentre outras relações que se podem estabelecer e presentificar num espaço discursivo (que adquire materialidade ao instituir sentidos entre virtuais locutores). Em outros termos, significa que a ação periodística oscila entre a expectativa do leitor/ouvinte/telespectador, o olhar do emissor e a projeção de sentido que decorre dessa mesma situação (GADINI, 1999, p. 1).

Quanto ao conceito de campo, segundo Pierre Bourdieu (2004), campo é o lugar de forças e de conflitos, configurado pelas posições que os indivíduos ocupam e exercem no seu interior, estabelecendo situações de um “jogo”, a partir das quais são identificadas estratégias que produzem efeito e ação na própria existência diferencial em relação aos demais membros e também em relação a outros campos sociais. Não se trata de um lugar físico, mas de uma relação entre indivíduos, pensada por Bourdieu como orientada por um poder simbólico, exercido com a cumplicidade dos que não querem saber se lhe estão sujeitos ou que o exercem. O campo social possibilita a instituição de um espaço de poder e de diálogo, a partir da dimensão simbólica da sociedade.

Na concepção de Bourdieu (2004), os campos sociais são autônomos, o que não impede que influenciem e sejam influenciados por outros campos. O campo cultural, por exemplo, recebe influências dos campos econômico e político, ao mesmo tempo em que, de alguma forma, os influencia. Esta dinâmica de influências de um campo sobre o outro dá-se em qualquer espaço, não é privilégio do campo cultural.

Em relação ao campo jornalístico, Nelson Traquina (2002) diz reconhecer que o trabalho, ali, é altamente condicionado. Por outro lado, há o reconhecimento de uma certa autonomia e de que os jornalistas têm poder. “Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2002, p. 14). Tal autonomia está também no poder de nomear o inominável da produção discursiva. Os jornalistas podem dar visibilidade ao que ainda não foi percebido e ao que ainda não é do conhecimento público. Para Pierre Bourdieu, é um poder simbólico de fazer com que se veja e se acredite e de fazer existir experiências que, sem tal mediação, seriam mais ou menos confusas, não formuladas e até não formuláveis.

O campo midiático é o campo que por natureza tem sua legitimidade expressiva e pragmática delegada dos outros campos sociais. Segundo Adriano Duarte Rodrigues (1990):

O campo dos *media* designa, assim, a instituição de uma mediação que se instaura na modernidade, abarcando, portanto, todos os dispositivos, formal ou informalmente organizados, que têm como função compor os valores legítimos divergentes das instituições que adquiriram nas sociedades modernas o direito a mobilizarem autonomamente o espaço público, em ordem à prossecução dos seus objetivos e ao respeito dos seus interesses (RODRIGUES, 1990, p. 152).

Ao mesmo tempo, Nelson Traquina (2002) enumera alguns elementos que caracterizam o campo jornalístico: os agentes sociais que querem mobilizar o jornalismo como recurso para as suas estratégias de comunicação, as notícias como um “prêmio” a disputar pelos agentes, e profissionais especializados que reivindicam um monopólio de conhecimentos ou saberes especializados – o que é notícia e como ela deve ser construída. Ainda o campo jornalístico é apresentado como tendo dois pólos, um positivo e outro negativo. De um lado está o pólo intelectual, que vê o jornalismo como um serviço público que fornece aos cidadãos a informação de que precisam para participar da democracia e age como guardião de defesa dos cidadãos contra possíveis abusos de poder. De outro, para muitos, estaria o pólo econômico, associando as práticas jornalísticas à necessidade mercadológica, levando ao sensacionalismo, que pretende apenas vender jornal como um produto que prende os leitores, esquecendo valores associados à ideologia profissional. A prática jornalística diária traz a tensão entre estes dois pólos.

Pensando o campo jornalístico, Pierre Bourdieu (1997) fala de uma de suas propriedades, que define o jornalismo como:

o lugar de uma lógica específica, propriamente cultural, que se impõe aos jornalistas através das restrições e de controles cruzados que eles impõem uns aos outros e cujo respeito (por vezes designado como deontologia) funda as reputações de honorabilidade profissional (BOURDIEU, 1997, p. 105).

No mesmo sentido de tal compreensão, Barbie Zelizer (2000) entende os jornalistas não como uma categoria de profissionais apenas, mas como participantes de uma comunidade interpretativa, unida por um discurso partilhado e por suas interpretações coletivas de acontecimentos públicos relevantes, ou seja, interpretações compartilhadas da realidade. De um modo geral, as comunidades interpretativas produzem textos e determinam a forma daquilo que é lido, exibem certos padrões de autoridade, comunicação e memória quando interagem mutuamente, estabelecem convenções que são predominantemente tácitas e negociáveis quanto à forma como os membros de uma comunidade podem reconhecer, criar, experienciar e falar sobre textos. Uma comunidade interpretativa se revela, principalmente, por associações informais que se produzem em torno de interpretações compartilhadas. Há uma relação forte entre o entendimento de que os jornalistas são uma comunidade interpretativa e a concepção de que o jornalismo forma um campo social.

Dar ênfase no trabalho jornalístico à forma como os jornalistas interpretam a realidade e, assim, constroem suas “estórias”, levando em consideração formas narrativas que se pretendem objetivas, neutras e equilibradas (mesmo que os jornalistas tenham consciência de que isto não possa acontecer de fato), é um ponto de partida para entender o jornalismo como narrativa, como construção de realidade, e não como a realidade pura e simples.

2 Ideologia e discurso jornalístico

Para falar sobre a ideologia no discurso jornalístico, escolheu-se trabalhar com a teoria da conotação e os mitos, a partir dos escritos de Roland Barthes. Na teoria da conotação, há um sistema primário denotativo e um secundário - derivado daquele, onde emerge a conotação. Os mitos, segundo a designação de Barthes, são esses sistemas secundários e a esfera das conotações é definida como ideologia. Deste modo:

A mídia cria mitologias como sistemas secundários impregnados de valores conotativos, que são construções ideológicas, fazendo crer que tais valores são naturais e fazem parte dos sistemas primários de pensamento inerentes aos seres sociais. A

lógica é que, no nível denotativo, os valores são primários e *naturais*. No entanto, no nível conotativo, tais valores só podem ser investidos de conteúdos ideológicos em razão de serem construções motivadas por um sistema de pensamento determinado (SOUZA, 2006, p. 34).

Segundo Barthes, a função dos mitos é a de "transformar uma intenção histórica em natureza, uma eventualidade em eternidade" (BARTHES, 2007, p. 234). A mídia, ainda de acordo com o autor, tem, entre outros, o papel de naturalizar as mensagens da classe burguesa, procedendo da seguinte forma: ao utilizar mensagens factuais, que estão no nível denotativo, os jornais veiculam, ao mesmo tempo, conteúdos ideológicos no nível conotativo. Agindo assim, "os mitos retiram o objeto de referência de sua história, impedem questionamentos sobre o tempo presente, elevando afirmações particulares à escala de verdades universais" (SOUZA, 2006, p. 34).

De início, Barthes afirma que o sistema de denotação primária é inocente, uma espécie de primeira significação. No entanto, a denotação só aparenta ser a primeira significação, sendo, de fato, o resultado de um processo conotativo, "a última das conotações" ou ainda "o mito superior". Portanto, uma ilusão perigosa. Isto porque esta "denotação mítica" é que tem a função de naturalizar o sistema secundário das conotações. "Na mídia, a *naturalização* tem o sentido de tornar necessário e fundamental proposições ideologicamente orientadas pelas classes dominantes" (SOUZA, 2006, p. 35).

Outro autor que também contribui para se pensar a ideologia e o discurso jornalístico é Michel Foucault, quando este fala dos procedimentos discursivos de exclusão e de imposição, na sua concepção de ordem de discurso.

Na oposição entre verdadeiro e falso, que Foucault (1970) apresenta como um dos procedimentos de exclusão, reconhece-se a imagem da informação jornalística que reivindica capacidade de produzir verdade sobre o mundo vivido sustentada numa vontade de saber que impõe ao sujeito uma certa posição, um certo olhar e uma certa função: ver em lugar de ler, verificar em vez de comentar. Conceituado como discurso verdadeiro sobre o real, o discurso do jornalismo naturalizou interditos e práticas, formas canônicas de relato e legitimidade de quem assim reporta porque para tal tem estatuto e saber, um saber cognitivo e cultural que se reconhece nas interpretações partilhadas sobre acontecimentos públicos e na forma de os colocar em narrativa (PONTE, 2005, p. 17).

É neste contexto de construção discursiva a partir do real (e não estritamente real) que o jornalismo "fala" a seus leitores. E, mesmo que não haja uma consciente intenção por trás dos

discursos jornalísticos, tais questões devem ser levadas em consideração ao se analisar (ou ao se simplesmente ler) jornais, especialmente porque estes discursos são construídos para serem tomados como verdadeiros, e não como uma visão possível, uma parcialidade.

3 Sobre a *Folha de S. Paulo* e os ideólogos brasileiros

Antes de a análise dos textos jornalísticos veiculados na *Folha de S. Paulo* ser iniciada, serão realizadas aqui breves apresentações sobre o jornal e os três ideólogos escolhidos, com o objetivo de contextualizar um pouco cada um dos elementos do que será analisado neste artigo.

3.1 *Folha de S. Paulo*

A *Folha de S. Paulo* teve sua origem na fundação do vespertino *Folha da Noite*, em 1921, por Olival Costa, Pedro Cunha e outros jornalistas. Em 1925, o grupo lançou uma segunda publicação, o matutino *Folha da Manhã*. Voltados inicialmente a leitores das classes médias urbanas e da classe operária, os jornais mudam a linha editorial em 1931, quando Octaviano Alves de Lima, Diógenes de Lemos e o poeta Guilherme de Almeida compraram a empresa. Nesse momento, as publicações passam a defender os interesses dos agricultores paulistas.

O histórico², feito pela própria *Folha de S. Paulo*, acrescenta que após 1945, com o controle acionário da empresa (que passa a se chamar *Empresa Folha da Manhã S/A*) sendo assumido pelo jornalista José Nabantino Ramos, é fundado um terceiro jornal, o *Folha da Tarde* (1949), que, junto com os outros dois, volta a “defender os interesses das classes médias urbanas”. A fusão dos três jornais em um só, a *Folha de S. Paulo*, dá-se em 1960, quando passa a ser adotado o lema “Um jornal a serviço do Brasil”.

A última mudança de proprietários aconteceu em 1962 quando o jornal, passando por dificuldades econômicas, foi vendido para os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. Atualmente, Luiz Frias é presidente da empresa e Otavio Frias Filho é seu diretor editorial.

² Informações do histórico obtidas na página <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/>.

A década de 1980 foi marcante para a *Folha de S. Paulo*, gerando até hoje impactos relevantes em sua conformação atual. Com o relaxamento da censura e a abertura democrática, grandes jornais passaram a absorver jornalistas formados nos veículos alternativos, já que, segundo Sérgio Costa (2002), a imprensa alternativa não conseguiu sobreviver neste novo contexto. O noticiário dos grandes jornais passou a ter, então, “o tom crítico e de denúncia dos alternativos” (COSTA, 2002, p. 68).

A Folha de S. Paulo parece ter sido o primeiro grande veículo a se dar conta do potencial mercadológico da prática jornalística próxima ao anseio social por maior democracia e transparência no processo político. Com sua intensa participação no movimento por eleições diretas em 1984, o diário ‘conquista a confiança da intelectualidade liberal de esquerda’, conseguindo, assim, em poucos anos, dobrar sua tiragem (Michaelles; Leite, 1994: 566). (COSTA, 2002, p. 68-69).

De acordo com José Arbex Júnior, um momento marcante, não apenas para a *Folha de S. Paulo*, mas para o próprio mercado jornalístico brasileiro, foi a implantação do *Projeto Folha*, também na década de 80. “Sua implantação introduziu no Brasil, em ritmo acelerado, uma lógica empresarial que a moderna imprensa capitalista construiu ao longo das várias décadas nos Estados Unidos e na Europa” (ARBEX JR., 2001, p. 141).

Com o *Projeto Folha*, passou a ser adotado um discurso para o mercado como estratégia empresarial e editorial. “Não se deveu a uma mera coincidência o fato de sua implantação ter acontecido ao longo dos anos 80 [...]. Foi a década de expansão do neoliberalismo, no cenário internacional, e de profundas transformações políticas no Brasil” (ARBEX JR., 2001, p. 142). Arbex também cita, em relação a este período, a nomeação de Otávio Frias Filho, em 1984, como diretor de redação do jornal. “[...] apesar da retórica e dos métodos supostamente ‘modernizadores’ adotados pela FSP, a empresa preservava seus traços fortemente marcados por uma estrutura familiar de poder” (ARBEX JR., 2001, p. 142). Tais lógicas de mercado e de administração familiar mantêm-se na atualidade como estratégia tanto empresarial como editorial na *Folha de S. Paulo*.

3.2 Ideólogos brasileiros

Em *A Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*, Carlos Guilherme Mota (2008) enumera cinco “momentos decisivos da historiografia brasileira”, sendo o primeiro o

“redescobrimto do Brasil”, que vai de 1933 a 1937. Trata-se de um momento de contestação radical da “Historiografia da elite oligárquica empenhada na valorização dos feitos dos heróis da raça branca” (MOTA, 2008, p. 69), com o surgimento de obras de Caio Prado Jr. (1933), Gilberto Freyre (1933), Sérgio Buarque de Holanda (1936) e também de Roberto Simonsen (1937). Articulando os três primeiros autores, Mota vai afirmar que

A mestiçagem, em Gilberto Freyre, como no velho Sílvia Romero, e a posição excêntrica da Ibéria amarrada ao psiquismo luso, em Sérgio Buarque, acabam respondendo por traços indelévels da civilização brasileira, e acabam ocupando o lugar que caberia, na visão de outros intérpretes (como Caio Prado Jr., por exemplo), ao sistema colonial e ao concurso, que nele se operou, dos regimes escravista e mercantil (MOTA, 2008, p. 36).

Nascido em família paulistana abastada em 11 de fevereiro de 1907, Caio Prado Jr. possuiu formação escolar privilegiada, tornando-se em 1928 bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. No mesmo ano, ingressou no Partido Democrático (PD), que “reunia parte da elite paulistana descontente com a hegemonia do Partido Republicano Paulista, um dos principais sustentáculos do pacto liberal-oligárquico conhecido como ‘política do café-com-leite’” (DACOL, 2004, p. 46). Decepcionado com a inconsistência política e ideológica da República Nova, apoiada pelo PD, aproxima-se do marxismo e filia-se em 1931 ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), já na ilegalidade desde 1927. Pelo partido, será eleito deputado estadual em 1945 em São Paulo, mas cassado em 1947, quando o PCB volta à ilegalidade. Com o PCB nem sempre manterá “relação pacífica”, especialmente por conta de “sua condição de intelectual, sua origem social e ainda sua conhecida independência frente aos cânones ideológicos [...]” (p. 48). Em 1933, publica *A Evolução Política do Brasil*, em que “procurou traçar a síntese da nossa evolução política, inaugurando, no país, o uso de nova chave de interpretação da sociedade brasileira: o materialismo dialético” (DACOL, 2004, p. 49). No entanto, a obra que colocará Caio Prado Jr. em posição de destaque junto aos intérpretes do Brasil é *Formação do Brasil Contemporâneo*, de 1942. Em *História Econômica do Brasil*, de 1945, ao analisar o período colonial, mais uma vez busca o sentido da colonização brasileira e apresenta três elementos como base econômica desse período: latifúndio, monocultura e escravidão. Em suas obras, Caio Prado Jr. defende a inexistência de um período de feudalismo no Brasil, apontando a natureza capitalista da agricultura brasileira, e faz emergir pela

primeira vez “as classes sociais [...] nos horizontes de explicação da realidade social brasileira – enquanto categoria analítica” (MOTA, 2008, p. 70).

Filho de família tradicional pernambucana, Gilberto Freyre nasceu em 1900, no Recife. Inicialmente estuda sob orientação de professores particulares, depois no Colégio Americano Gilreath, em Pernambuco, na Universidade de Baylor e na Universidade de Columbia, onde faz a pós-graduação em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais. Entre 1923 e 1930, foi jornalista e político no Nordeste, sendo ligado às forças conservadoras da política, o que o leva ao exílio após a Revolução de 1930. Durante o exílio em Lisboa, recebe convite para ser professor-visitante em Stanford, “onde se mune de teorias sobre as relações de raça, cultura e ambiente desenvolvidas por Franz Boas, então na Universidade de Columbia” (MOTA, 2008, p. 100). Boas é uma influência no trabalho de Freyre, que não radicaliza em relação à organização do trabalho no Brasil: “pelo contrário [...] Freyre consegue mostrar as excelências dos negros e mestiços – como que criando um novo tipo de valorização dessa mão-de-obra, para incorporação menos conflituosa às novas formas que vinha assumindo o capitalismo no Brasil” (MOTA, 2008, p. 101). Em 1933, publica sua obra mais conhecida, *Casa-grande & senzala*, em que o autor oscila “entre a saga da oligarquia e o desnudamento da vida interna do estamento ao qual pertence” e valoriza “um tipo de relacionamento racial que dê abertura para a mestiçagem”, fortalecendo a ideologia da democracia racial (MOTA, 2008, p. 95). Afirmando que a história social da casa-grande é a história inteira de quase todo brasileiro, Freyre conclui na obra que “o ‘regional’ não deixa de ser ‘nacional’, ou seja, a matriz-básica de organização social em todo o Brasil é a mesma, apoiada num certo tipo de miscigenação realizada na ordem patriarcal” (MOTA, 2008, p. 98).

Nascido em 11 de julho de 1902, em São Paulo, Sérgio Buarque de Holanda estudou em colégios de São Paulo, tendo feito a maior parte do ginásio no São Bento. Ainda em São Paulo, com 18 anos, publicou seu primeiro artigo no Correio Paulistano, sendo que a atividade jornalística será mantida durante boa parte de sua vida. Em 1921, muda-se com sua família para o Rio de Janeiro e matricula-se na Faculdade de Direito. Na cidade, também participa do movimento modernista. Durante viagem à Alemanha, Polônia e Rússia, entre 1929 e 1930 para enviar reportagens para *O Jornal*, assiste a aulas de História e Ciências Sociais na Universidade de Berlim. Em 1936, inicia as atividades na Universidade do Distrito Federal como assistente dos

professores Henri Hauser e Tronchon, e publica seu mais conhecido livro, *Raízes do Brasil*. Em 1945, além de publicar *Monções*, torna-se um dos fundadores da Esquerda Democrática, que em 1946 converte-se em Partido Socialista. Com o fim da Universidade do Distrito Federal em 1939, Sérgio Buarque retorna à universidade em 1948, para lecionar na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Em 1958, recebe grau de Mestre em Ciências Sociais e presta concurso para a cátedra, apresentando a tese *Visão do Paraíso*. Em 1962 participa do conselho organizador e dirige o Instituto de Estudos Brasileiros. Em solidariedade a professores aposentados pelo AI-5, pede sua aposentadoria da USP em 1968 e, em 1980, torna-se membro fundador do Partido dos Trabalhadores³. Em *Raízes do Brasil*, apresenta o conceito de homem cordial, criticando o sistema “cordial” das relações brasileiras e afirmando que “em nada estas ‘boas maneiras’ tem a ver com civilidade” (MATOS, 2005, p. 139). Para o autor, “as relações cordiais são inaptas ao sistema político democrático, pois são personalistas e convertem-se em ‘benevolência democrática (...) comparável nisto à polidez’, o que resulta em um comportamento social orientado pelo ‘equilíbrio dos egoísmos’” (MATOS, 2005, p. 139). No livro, Sérgio Buarque de Holanda também defende a herança ibérica no Brasil, afirmando que “o restante são adaptações à estrutura vigente” (MATOS, 2005, p. 141).

4 Ideólogos na *Folha de S. Paulo*

4.1 Caio Prado Jr.

Em 2008, no total, a *Folha de S. Paulo* publicou 10 textos em que Caio Prado Jr. foi citado, sendo duas entrevistas, quatro textos de autoria da equipe de redação do jornal, um texto de autoria de um colunista, dois textos de autores convidados e uma nota de um leitor. A seguir, são apresentadas as formas como o autor foi citado em cada um dos 10 textos.

Na maioria dos textos, Caio Prado Jr. está apenas sendo citado. Por exemplo, no caderno Opinião, de 24 de janeiro, um artigo do cientista político Eduardo Graeff, intitulado *Vão-se os sonhos, ficam os anéis*, em que o autor faz uma crítica a Lula e a José Dirceu, durante episódio da compra da Brasil Telecom pela Telemar, Graeff começa seu texto lembrando Caio Prado Jr., que

³ Informações da biografia obtidas na página <http://www.siarq.unicamp.br/sbh/biografia.html>.

chamou de “burguesia burocrática” o “empresariado caudatário dos favores do Estado varguista”, e não volta mais a falar no pesquisador.

Outro exemplo disso é a matéria de 24 de setembro *Brasiliense inicia reestruturação*. No texto, Caio Prado Jr. é citado por ter fundado a editora em 1943.

Em duas ocasiões, Caio Prado Jr. é lembrado como um dos “três grandes intérpretes clássicos” (entrevista *Temos a tecnologia de ponta do ócio*, de 17 de maio) e um dos autores dos “principais ensaios de interpretação do Brasil” (enquete do caderno *Mais!* de 22 de junho). No entanto, nas duas ocasiões, são pessoas externas à redação do jornal que fazem esta referência: José Miguel Wisnik e Willi Bolle.

4.2 Sérgio Buarque de Holanda

A *Folha de S. Paulo* publicou, em 2008, 24 textos em que Sérgio Buarque de Holanda foi citado. Neste total, foram duas entrevistas, cinco textos de autoria da equipe de redação da *Folha*, seis de autoria de colunistas, sete textos de convidados, três notas e uma nota de um leitor.

O jornal publicou notícias e textos que, em geral, apenas citavam o historiador Sérgio Buarque de Holanda. Houve alguns textos, no entanto, em que foi dado um pouco mais de espaço ao pensamento do pesquisador. Todavia, nenhum deles teve como tema central este assunto.

Como exemplo, no dia 27 de agosto, o colunista Marcelo Coelho assina o artigo *Doutores e excelências*, em que critica termos em moda. Uma de suas críticas refere-se ao uso de doutor para se referir a personalidades. Um exemplo que cita é “um livro recente com artigos sobre Sérgio Buarque de Holanda” em que aparece a expressão “dr. Sérgio”. O colunista fala rapidamente sobre o pensamento do historiador quando argumenta que, na expressão “doutor” está a essência da ideia de “homem cordial”, pois:

“presume-se um tipo de relacionamento que não passa pelas ideias e pelo exame racional da obra de um autor, e sim pelo misto de reverência e intimidade, de autoritarismo e espírito de copa-e-cozinha, que caracteriza até hoje os padrões de exclusão da sociedade brasileira” (COELHO, 2008).

Outro exemplo de texto publicado pela *Folha de S. Paulo* em que há algum espaço ao pensamento de Sérgio Buarque de Holanda é *O racismo mais cordial*, de 24 de novembro, em que Fernando Rodrigues comenta a Pesquisa Datafolha sobre preconceito de cor. Nele, o autor

fala sobre o termo racismo cordial como uma alusão à definição de Sérgio Buarque de Holanda e chega a citar trechos de *Raízes do Brasil*:

“a cordialidade do brasileiro ‘pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações’. Por fim, ‘a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência” (RODRIGUES, 2008).

O nome de Sérgio Buarque de Holanda repercute na *Folha de S. Paulo* também por conta de lançamentos e indicações de livros. São exemplos a seção de lançamentos do caderno *Mais!*, da edição de 29 de junho, e a seção *Os Dez +*, de 7 de dezembro, do mesmo caderno. Nestas ocasiões, foram divulgados os livros *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*, organizado por Pedro Meira Monteiro e João Kennedy Eugênio, e *A viagem a Nápoles*, de Sérgio Buarque de Holanda.

4.3 Gilberto Freyre

Citando Gilberto Freyre, a *Folha de S. Paulo* publicou em 2008 45 textos, sendo quatro entrevistas, 12 textos de autoria da equipe de redação do jornal, 15 de colunistas, oito de autores convidados e seis notas.

Gilberto Freyre, ao contrário de Caio Prado Jr., tem o seu pensamento mais difundido nos textos publicados na *Folha de S. Paulo* em 2008. Há também divulgação de uma exposição sobre Freyre que ficou em cartaz do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e de uma peça (*Assombrações do Recife Velho*), dirigida por Newton Moreno, baseada na obra do pernambucano.

Assim como Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., Gilberto Freyre também é lembrado como um importante intérprete do Brasil. Um exemplo disso é o artigo *A alma brasileira em exposição*, de José Roberto Marinho, de 28 de setembro. No texto, o autor, que fala sobre o Museu do Futebol, afirma que o Brasil moderno foi inventado, entre outras ocasiões, quando o historiador (e também Sérgio Buarque de Holanda) “nos” interpretou.

Livros sobre Gilberto Freyre também são divulgados pela *Folha de S. Paulo*. Nos lançamentos do caderno *Mais!*, de 13 de abril, por exemplo, é citado o livro *Em Torno de*

Gilberto Freyre, de Edson Nery da Fonseca, em que são apresentados “ensaios inéditos e textos de conferências sobre diferentes aspectos do antropólogo e sociólogo”.

O pesquisador pernambucano tem seu pensamento abordado em algumas ocasiões, como na matéria *Cinesesc abre mostra sobre Amado*, de 21 de março. Nela, João Moreira Salles, autor de um filme presente na mostra sobre a qual fala a notícia, afirma que Jorge Amado leu *Casa-grande & senzala* e foi bastante impactado pela obra. Ainda segundo Salles, a aceitação da miscigenação pelos brasileiros aparece em *Gabriela, Cravo e Canela* como uma possibilidade real. Também de acordo com Salles, a noção de democracia racial, mesmo que com ressalvas, é um dos mitos fundadores do Brasil e que, com Freyre e Jorge Amado, como seu intérprete, “a mistura passou a ser não a nossa derrota, mas a nossa salvação”.

Outra matéria em que o pensamento de Freyre é abordado é *Autor finta clichês e pega touro a unha*, de 17 de maio, sobre o livro *Veneno Remédio – O Futebol e o Brasil*, lançado por José Miguel Wisnik. Sobre o conceito “veneno remédio”, o autor da matéria da *Folha* afirma que, no livro, o que na sociologia da USP trata-se de veneno (“os efeitos e defeitos da colonização escravista portuguesa na periferia capitalista”) torna-se remédio “na reversão de Gilberto Freyre, que aposta no desqualificado povo miscigenado e lança a mestiçagem como novidade civilizatória”. Em seguida, o autor da matéria diz que é com Freyre “que o conceito de veneno remédio parece ganhar amplitude na análise de Wisnik”.

O livro *Veneno Remédio*, de Wisnik, volta a ser tema de um texto publicado pela *Folha* na crítica intitulada *Em “Veneno Remédio”, Wisnik “parafusa” o marskismo uspiano*, de 21 de junho. Gilberto Freyre é citado quando o autor da crítica fala sobre a última parte do livro, *Bola ao Alto: Interpretações do Brasil*. Para o autor, com esta última parte, há o risco de o leitor ver o livro “como um duelo frontal entre Gilberto Freyre e a USP”, que estariam disputando o que define o brasileiro: “o veneno amargo da escravidão ou o doce remédio da mestiçagem”. Ainda segundo o autor da crítica, Wisnik mostra “inegável simpatia” pela obra de Freyre, mas “é como um típico filho da USP que investe contra a visão envenenada do país gestada na sua própria casa”.

Um último exemplo de referência ao pensamento de Gilberto Freyre em textos publicados na *Folha de S. Paulo* é *Dia dos Morenos*, publicado na edição de 24 de novembro. Nele, o autor, Fernando de Barros e Silva, fala sobre o Dia da Consciência Negra e o ainda presente preconceito

racial no Brasil, demonstrado pelo eufêmico adjetivo “moreno”. Gilberto Freyre é citado quando Barros e Silva fala que a escravidão no Brasil não foi um impedimento à miscigenação, “e quem tirou as consequências (não apenas) positivas disso foi Gilberto Freyre”, mas a miscigenação não “impediu que a herança brutal da escravidão sobrevivesse à Abolição”.

Conclusão

No jornalismo, o viés ideológico do discurso não está presente apenas no texto publicado. Inicia-se, antes, na escolha do que é e do que não é veiculado. E isto deve ser levado em consideração mesmo em relação aos textos não assinados pela equipe de redação do jornal em questão. Pois os autores convidados, mesmo que o jornal assinale que não se responsabiliza pela opinião ali veiculada, não costumam ter discursos tão dissociados ao pensamento da publicação. O pensamento pode até ser discordante, mas estará sempre no nível daquilo que é “tolerável”. Não é à toa que não encontramos esquerdistas radicais apresentando suas ideias na maior parte dos jornais brasileiros.

Percebe-se, pela análise quantitativa do que foi publicado em 2008 (não sendo excluídos textos assinados pela equipe de redação, textos de articulistas e textos de convidados), que há predominância de textos que citavam Gilberto Freyre (no total, 45) e poucos citando Caio Prado Jr. (apenas 10). De um lado, um autor ligado a um pensamento mais conservador e de outro, um autor mais de esquerda. Apenas limitando-nos a esta análise, podemos concluir que o jornal *Folha de S. Paulo* privilegia e adota uma linha editorial mais conservadora a respeito do pensamento histórico sobre o Brasil.

Na análise qualitativa, vemos que o pensamento de Caio Prado Jr. é pouquíssimo abordado nos textos publicados pela *Folha de S. Paulo* em 2008. Se levarmos em consideração que, nos 10 textos em que o autor foi citado, duas vezes seu nome surge porque aparecem em respostas de entrevistados, duas vezes porque ele foi o fundador da Editora Brasiliense, uma porque se está referindo a seu acervo pessoal, uma porque se está tentando contextualizar uma determinada época e uma porque é lembrado por um leitor, podemos concluir que o jornal *Folha de S. Paulo*, neste período, não deu muita importância e espaço ao pensamento de Caio Prado Jr., ainda que ele seja citado como um dos “principais escritores” do país.

Já em relação a Sérgio Buarque de Holanda, a *Folha de S. Paulo*, além de publicar mais textos em que o autor é citado (24, ao todo), dá mais espaço para a abordagem do pensamento do historiador. Seu pensamento é abordado para se falar sobre racismo, sobre a ideia de cordialidade e sobre a tão criticada figura do “homem cordial”. Além disso, são divulgados ensaios produzidos pela academia em que há a retomada das ideias de Sérgio Buarque de Holanda e um de seus livros (*A Viagem a Nápoles*) chega a ser recomendado pelo caderno *Mais!*. O historiador também é caracterizado como “um dos três grandes intérpretes clássicos” do Brasil (ao lado de Caio Prado Jr. e Gilberto Freyre), “personalidade brasileira” e autor de um dos “principais ensaios de interpretação do Brasil” (novamente junto com Caio Prado Jr. e Gilberto Freyre).

Sobre Gilberto Freyre, a *Folha de S. Paulo* divulgou, em 2008, a retomada de sua obra e pensamento, no teatro, pelo Museu da Língua Portuguesa (com uma exposição), por pesquisadores que lançaram livros. Freyre é lembrado (pelo entrevistado Caetano Veloso) como alguém que foi desqualificado por intelectuais de esquerda, e, em outro texto, afirma-se que sua obra exerceu impacto sobre o escritor Jorge Amado. Também é denominado “personalidade brasileira”, e ainda “sábio” e “poeta entre os historiadores”. Alguns textos publicados que citam Freyre abordam ideias do historiador como as sobre miscigenação e mestiçagem, a construção do Brasil como país do futebol e a conexão entre o Brasil e a África.

De fato, nenhum dos três ideólogos brasileiros chegam a ter suas ideias explicitamente rejeitadas. Mas a predominância numérica de Gilberto Freyre, por si, diz muito a respeito da orientação política conservadora do jornal *Folha de S. Paulo*. Além disso, ao abordar e retomar os pensamentos dos ideólogos, o jornal contribui para a atualização e permanência do trabalho iniciado por eles na construção do imaginário brasileiro, reforçando a ideia do Brasil como o país do futebol, do homem cordial (ainda que este conceito seja criticado, é como o brasileiro continua sendo retratado) e da mestiçagem como fator importante para o entendimento do que é o Brasil.

Referências

ARBEX JR, José. **Shownarlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CANDIDO, Antonio. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COELHO, Marcelo. Doutores e excelências. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2708200825.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

COLOMBO, Sylvia. Cinesesc abre mostra sobre Amado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 mar. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2103200821.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2009.

COSTA, Sérgio. **As cores de Ercília**: esfera pública, democracia, configurações pós-nacionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DACOL, Letícia Villela. **A idéia de Formação em Caio Prado Júnior**. 2004. 111 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~ppgsa/mestrado/Texto_completo_207.prn.pdf>. Acesso em: 07 set. 2011.

GADINI, Sérgio Luiz. O jornalismo e a instituição cotidiana do campo cultural: autonomia relativa do discurso e ação periodística contemporânea. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 22., set., 1999, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho/Intercom, 1999.

GONÇALVES, Marcos Augusto. Autor finta clichês e pega touro a unha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 mai. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1705200807.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

GRAEFF, Eduardo. Vão-se os sonhos, ficam os anéis. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 jan. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2401200808.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

LANÇAMENTOS. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 abr. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1304200814.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2009.

MARINHO, José Roberto. A alma brasileira em exposição. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 set. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2809200808.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

MATOS, Júlia Silveira. Tradição e modernidade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Biblos**. Rio Grande, v. 17, p. 131-143, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/viewFile/126/57>>. Acesso em: 8 set. 2011.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)**: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1990.

RODRIGUES, Fernando. O racismo mais cordial. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 nov. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2411200804.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

SILVA, Fernando de Barros e. Dia dos Morenos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 nov. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2411200803.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2009.

_____. Em “Veneno Remédio”, Wisnik “parafusa” o marxismo uspiano. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 jun. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2106200811.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2009.

SOUZA, Licia Soares de. **Introdução às teorias semióticas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **O que é Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

TUCHMAN, Gaye. As notícias como uma realidade construída. In: ESTEVES, João Pissarra. **Comunicação e Sociedade**. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo 2000**. Revista de Comunicação e Linguagens. n. 27. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2000.